

Quinzé

e outros poemas

Paulo de Poty

Quinzé

e outros poemas

Paulo de Poty

Este e-book foi produzido para ser distribuído de forma gratuita.
Fica totalmente proibida a venda integral ou parcia do trabalho.
Todos os direitos reservados.

Outros trabalhos do autor, links:
<http://www.paulo.depoty.nom.br>
<http://paulodepoty.blogspot.com>

Índice

Carta ao leitor	04
Quinzé	05
Abandonados	11
O temporal	12
Tons de cinza	13
Regresso do calor	14
A ira de Jove	15
O mensageiro	16
Pendular	19
Prazer	20
Purificação	21
Às portas de Hela	22
Repouso da alma	23
Negro paetê	24
Peneirando lembranças	25
Minhas meninas	26



Ao desavisado leitor,

O que chegou às suas mãos é uma brincadeira. E por brincadeira entende-se que é sem maldade, despretensiosa e lúdica; No entanto, esta aqui vai com uma pitada de intenção sim, é como um presente de grego, sabe? De onde podem surgir das entranhas do Cavalo de Pau, heróis ávidos por conquistar tão preciosa Tróia: seu íntimo.

Quinzé e outros poemas, nasceu brincando já com o nome; São quinze poemas que vão como presentes aos amigos (antigos e novos), carregados de imagens surreais e delírios próprios deste que vos escreve. E por cada um deles me responsabilizo como um pai aos seus filhos; Meninos danados que ficam azucrinando os pensamentos do sujeito, doidos para ir brincar lá fora...lá fora onde? - Sei lá, por aí. São quinze, cada um com seu jeito e sua intenção, mas não tenha medo não, são traquinas, mas sem maldade. Ficam mexendo com os anjos, com as deidades, com os sonhos e fantasias, com as amigas e, vixi Maria, até com o criador (que me perdoe Nosso Senhor). Se o que eles dizem é verdade... olhe, eu não sei, só sei que é de coração.

Vou pedir só uma coisa ao caro leitor, se esses meninos ficarem fraquinhos e sem graça, deles se desfaça viu, não se acanhe não; Por outro lado, se eles fizeram algum reboliço no seu pensamento, por menor que ele tenha sido, deixe os meninos se espalharem. São crianças desavergonhadas, gostam de ficar por aí. Então se a brincadeira for boa, deixe que outros se riam também, pode espalhar.



Quinzé

Quinzé já tinha esse nome
Mesmo antes de nascer,
Com muito amor e cuidado
Sua mãe fez conhecer
Por sua graça a quem quiser:
Joaquim José

Mas todo mundo, sabe como é,
Com o tempo e a intimidade
O nome acaba de verdade,
Para desgosto da pobre mulher,
Simplesmente Quinzé

E o menino já estava virando homem,
Deixando crescer na cara,
Que nem lobisomem, a sombra da barba
Olho caçando saia,
Um batuque aflito no coração,
Os sonhos fazendo algarrada na cama
E os pensamentos em comichão

Esse menino era doido por bolacha
E de carroceiro trabalhava na praça,
Quando recebia o pagamento do serviço
Vinha com a boca toda em sorriso:
"hoje vou comprar bolacha"
Ali tinha coragem e viço

Mas, fora as bolachas, de pouco se ria
Alegria, não conhecia, mas ouvia falar demais
Ele não entendia porque tinha gente feliz

Se ele mesmo, em seu coração, não havia paz
É como se a vida tivesse algum doce
Que dele todo mundo escondia, vixi Maria,
Deve ter algo de bom nessa vida, dizia Quinzé,
Algum motivo para sorrir, fosse o que fosse

Quinzé chorava, todavia
Mais um dia de trabalho,
Mais um dia de agonia,
Quando a noite fechou os olhos do Sol,
E ele mirou o negrume do infinito
E num grito aflito orou:
"quem dera que Nosso Senhor,
Me deixasse conhecer da vida
Seu doce sabor"

Logo veio Morfeu
Pousar sobre ele suas asas,
E Quinzé adormeceu
À sombra de enorme carvalho
Era um campo lindo e verdejante
Coberto de flores umidas do orvalho,
Despertou sentindo cheiro de hortelã
Deslumbrou-se com a beleza à sua volta,
Duvidou que já fosse de manhã,
E do roseiral que se estendia
Viu surgir dentre rosas, híbrida,
Uma figura de mulher, vixi Maria

Quando quis saber seu nome
As flores vieram dizer, é Sibila
Quinzé pensou consigo, "como é bela"
Olhos firmes e grandes, pele branca,
Cabelos de rubor misturado às rosas,
E seu sorriso de menino já na boca

Por saber agora o nome daquela moça

Quinzé não sabia o que pensar,
Mas onde seria aquele lugar?
Não havia calor, nem frio
Muitos a rondar tranquilos
Como se ali fosse o Paraíso,
Mas Sibila fez saber sem demora
Que ali eram os Campos Elísios,
Onde os imortais viviam felizes
Sorvendo doce de figos e amoras,
Ali era o destino das deidades
Mérito e refúgio seguro,
Lugar da fonte da felicidade

Ao menino, o que parecia,
Era chegada a hora de sua graça,
O Senhor, que todos atendia,
Apiedou-se de sua desgraça
Levou sua alma para o lugar
De onde brota a tal felicidade
Vixi Maria, que alegria
Ficaria ali a eternidade
E bem depressa quis saber
Para que lado mirar o nariz
Muito rápido quer beber
Das águas felizes do chafariz,
E Sibila conduzindo pela mão
Levou Quinzé ao alto do monte,
Serenou do menino sua aflição
Quando este viu a primorosa fonte

Muitos ali se debruçavam e bebiam,
Saciavam a sede e saiam a cantar
Outros bebiam e faziam poesia,

Mas todos com muita satisfação
Todos com muita alegria
Alegria que Quinzé quis experimentar
E uma boa golada da fonte foi tomar

Sibila, à margem do regato,
Ficou a observar o menino
Que erguendo sua fronte
Não parecia assim tão contente,
Foi dizendo que a vida era um fardo,
Que sua alma não merecia estar no céu,
Pois em sua boca o doce vira fel
E até o sabor da alegria era amargo

A guia com suas próprias vestes
Secou a umidade de água e de lágrimas,
Afangou o menino com ternura na face,
Disse-lhe para ter fé e calma
Sabendo entender o mistério da fonte,
Onde o doce líquido a que todos apraz,
Verdadeiramente pode não ser o mesmo
Que a ele proporcione a paz,
E que é preciso saber que a felicidade
Não se esconde em um lugar apenas,
Pois que surge na velhice ou na mocidade,
E que brota sob diferentes formas,
Assim como as flores tão diferentes,
Mas todas sempre coloridas e perfumadas,
Cabe a cada um descobrir a sua verdade,
O que sacia seu corpo, espírito e mente

Quinzé ainda sem entender, quis saber
Porque tantos ali se fartavam felizes,
Enquanto ele não encontrou o prazer,
Sibila, então, veio dizer:

"O néctar que satisfaz você
Não é o mesmo dos outros,
O que é bom para muitos,
A todos pode não parecer.
Venha, que muitas outras fontes
Existem nesses Campos"

Foram assim, mãos dadas ao pomar
Uma vastidão verdejando horizonte
Muita relva, muitas flores,
Mas nenhuma fonte
Quinzé olha ao redor
E quis saber onde brota
A água dos sonhos e do amor,
Mas ali a fonte é outra
E Sibila colhe o fruto da árvore
Dando-lhe a provar, o que o fez

E a brisa do pomar soprou sua tez
E até os pássaros soaram odes de louvor,
As cores estavam mais vivas e brilhantes,
Pois o menino saboreou o seu doce sabor
Ah, sensação de paz e de chegada
Como se o coração crescesse no peito
Louvado seja o Senhor dessa morada

Quinzé entorpecido com o doce pecado
É levado por Sibila à sombra do carvalho
Onde adormece tranqüilo e sossegado

Então, o carro do Sol cresce no Oriente
E um feixe de luz desperta o menino,
Vixi Maria, que sonho diferente
Disse Quinzé ainda sorridente
Lava a cara para trabalhar

Tem muita lida na rua e na praça
Sua santa mãe há muito desperta
Espalha cheiro de café pela casa
O moleque mal se senta na mesa
E pergunta: "mãe, cadê a bolacha?"



Abandonados

Quando violentaram a menina
Eles não empunharam espadas
Para salvá-la

Muitos morrem ali na esquina
De mãos dadas com a fome,
Vela soprada

E vieram à Benazir, clamor e tiro,
Estampido e morte, mas eles não
Ergueram escudos

Pai, mãe e filhos, paz e abrigo,
Até um menino perder o juízo,
Invasão e luto

E outros tiveram iguais sentenças:
Kennedy, Lennon, Voitila, Luther King,
Fulanos e beltranos

É porque muitos não morrem apenas,
O mundo os mata, e os anjos assistem
Cândidos e serenos



O temporal

Eram trovões que soavam trombetas,
Meu amor teve medo em ver o céu
Ruborizar

Lá, cintilando estrelas e cometas,
Assisti o horizonte violáceo lambar
Ondas no mar

Encheram-se as areias e as praças
E em todos, o olhar de temor
Ante tal beleza

O firmamento ornado em toda graça
E muitos profetizando a hora
Da tristeza

Eu disse: não chore amor, vê a luz,
Sente o amor que perfuma
Pelo ar

Sente meu coração, que ora traduz
Em versos ináudíveis o prazer
De te amar

Olha para o céu e ver sem temor
O meu amor que negas ser
De verdade

Orei aos anjos, atendeu o Senhor,
Que agora derramam flores sobre
Toda cidade



Tons de cinza

Ninguém vê os olhos da felicidade
Impunemente
Não é possível amar, sem nunca
Sentir saudade
A alegria cobra um preço muito caro
Por sua régia presença
É como descobrir os tons de cinza
Da verdade
E preferir a profusão de cores
Que cabem às ilusões
Aprofundar-se em sentimentos mais puros
Requer grande dose de sacrifícios,
Haja vista, os que preferem
A superficialidade prazerosa da ignorância



Regresso do calor

A face do mundo calou
Em silêncio de pétalas
De gelo

Um sossego sem calor
Que nem anjo ou homem
Desejaria tê-lo

E inerte permaneço na janela
Como a pintura de um condenado
À liberdade

Miro veredas, espero Primavera
Um colorido qualquer que mate
A saudade

Quando eu sorria e meu corpo
Era quente, não via que já
Sabia amar

Vago nos dias, triste e absorto
Olhando pela moldura, esperando
Ela voltar



A ira de Jove

A tempestade derrama sobre a urbe,
E eu canto

Os autos enfileiram e páram a via,
Viadutos, via-crucis

Trovões, clarões
Lá fora só a música
Da enchente

Sons diluídos na enchurrada
Gente doente, sem morada

E das mãos de Jove
Mais um relâmpago,
Mais um canto,
Mais um pranto



O mensageiro

Sobre as porcelanas e os cristais
Repousava o repasto do burguês
Quando atentou,
Com manjar pausado em prata,
O alarido que veio da praça

Correu e à janela veio,
Guardando que não enlouquecera,
Posto que ao longe viu que descera
O Anjo Gabriel sobre o passeio

Minaram às ruas cães e gatos,
Que não eram mais que o populacho,
Que ajuntados à eles o burguês, o poeta
E o vigário, davam glórias aos céus
Tão bem-vindo mensageiro
E da celeuma que pisava o chão
Bradou a voz do pastor:
"Deixem-me falar primeiro,
Por ser eu obreiro de Nosso Senhor"

A turba se calou, mas nem povo nem pastor
Se manifestou, pois a voz primaz que soou,
Foi a voz que veio do céu, foi o canto
Do Anjo Gabriel:
"Desatem os nós das gravatas para que sejam livres
E ouçam: o tempo que os portões do Éden
Se abrirão está próximo e as paisagens
Do que está além serão a glória de homens de valor,
Cuidem para que possam atravessar
E deixar para trás a vida e a dor"

O poeta garboso logo se adiantou:
"Se aos céus cabem o mérito dos que tem valor,
Aqui estou e posso ter passagem, posto que
Meu canto é eloqüente e sou vitimado de amor"

E interveio Gabriel:
"Uma vez só ti direi caro poeta,
Que ao céu ainda não és merecedor,
Pois tua eloqüência poucos consola,
Muitos não compreendem tua obra
Teu canto não alcança os que o coração imola"

Então o burguês, lembrando-se de suas esmolas,
Pôs a mão no coração e ao anjo pediu atenção:
"Já que sou caridoso, deixa então que venha
Adiantar minha passagem nos arcos desse portão"

Mirou-o, Gabriel, em seus olhos:
"Sete vezes setenta é tua riqueza maior
Que tua caridade, cântaros de ouro e prata
Não ti trarão a imortalidade,
Tu ages como cão que enterra o osso,
Que mesmo saciado, aos olhos dos outros
Escondes o que tu mesmo não suportou"

E seguro de sua missão, o vigário pronunciou:
"Já que é chegada a hora do alvorecer divino,
Penso que é hora de cruzar os pórticos do além,
Uma vez que sacramentei o pão e o vinho
Gozarei o esplendor dourado dos rios, amém"

E o anjo pede paciência ao pastor:
"Não te enganas, bom pastor, não há brilho de riquezas,
Pois a única luz que orna a face do Paraíso
Emana dos olhos dos justos, não há ouro nem jóias
Profusos em tua igreja"

Silenciaram-se todos na audiência,
Quando o anjo assim pronunciou:
"Que dêem passagem, sim, aos humildes,
Aos loucos e às crianças, pois os portões
Do Paraíso cabem apenas ao toque
Dos que tem a sublime virtude
Ou a inocência"



Pendular

Elevo meus pensamentos
À nobreza das letras e cantos,
Como banana e embruteço,
Como que pendurasse-me em árvores

Ah, doce sensação de ser livre
O gozo de músculos retezados
A gravidade a pendular meu corpo

Sorvo livros e entristeço,
Como que tragasse ópio
Ciente que conhecer
Não é doce como frutas



Prazeres

Prazer é a simples maciez de pele
O encontro de vontades em mão dupla
Um cheiro que arrepia e molha boca
O fôlego perdido em beijos
Que desarruma cabelos

Mas é também o sossego do sono
O aroma de café e pães quentes
Um bilhete no aparador do espelho
Com palavras de amor repetidas
Nunca suficientes e incompletas

É o orgasmo que vai além dos suores
Versa em instantes e detalhes
Prolongando gozo em nuances de amor
Sensações as quais só se permitem
Os que realmente sabem ter prazer



Purificação

Impuros são meus pensamentos
E olhos frívolos que ti tiram
A roupa

Em pele nua, bela sem ornamentos,
Que perfuma lençóis e molha
A boca

Que sejas, em ato e dolo, a purificação
Piedosa dos meus pecados,
E me cega

Sela com beijos esse vil coração
Que erra na vida, em sonhos
Navega

Me entorpece com hálito de menta,
Veste-se como deusa das manhãs
Cada aurora

Cuida do meu corpo e alimenta
A alma que será tua a partir
De agora



Às portas de Hela

Foi quando a alvura do tempo
Cingira as têmporas do trovador,
Que Hela, fria em seu assento,
Roubou-lhe da face, seu rubor

O cantor, em olhos resignados,
Bateu às portas da filha de Loki
Sem pomos da vida acumulados,
Sem conhecer o amor ou a sorte

Obstante, sagaz indagou a Morte:
"Notório é o peso de sua idade
E admiro que ainda não note
O que condiciona a felicidade"

E a desdita alma antes de mergulhar
Nas águas negras da eternidade
Voltou à Hela para perguntar:
"Eterna, quem é essa deidade?"

Disse: "sofrimento recai aos lúcidos,
Enquanto alegria incide sobre poucos,
Pois felicidade é inerente aos estúpidos,
Servindo aos alucinados e aos loucos"



Repouso da alma

É para ouvir o amor
Que se guarda o silêncio,
E o espírito paira sobre as águas,
Contemplando o repouso
Daquilo que ti for mais belo

É para ver o amor
Que se tiram as sandálias,
Pois o coração é um lugar santo
E a humildade é a luz que
Incide sobre todas as coisas

É para amar que as artérias
Enchem-se de vontade,
O olhos sensibilizam à verdade
E as palavras dos mansos
Ganham mais força



Negro paetê

Dou minha melhor gargalhada
Como a boca da noite
Que traz as estrelas
Meu sorriso é como manto
De negro paetê
Vestindo a melancolia
É como a noite
Que trás o sossego e o silêncio
Aos augúrios do dia



Peneirando lembranças

Venha que agora me encontro
Com joelhos feridos
Nesse aluvião

Relembro, momento ou outro,
Amores que se foram,
Reais ou não

Momentos intensos ou pueris,
Cada um com seu peso
E seu valor

Ao chegar, atenta que não deveis
Parar minhas mãos calejadas
Desse labor,

Pois ainda há muito entulho
Para peneirar dos sedimentos
Dos anos

Apartando o ouro do pedregulho,
O que reluz dentre o cascalho
Que ajuntamos



Minhas meninas

Na minha casa Anas e Marias
E nunca as deixarei sair,
Amo

Em casas de meus olhos,
Pousam Vanessas e Lis,
Miro

No lago, morada do lótus,
Contemplo belas Ritas e Edith's,
Agradeço

Quão belas também Neumas
E Netas que nunca
Esqueço

Na sinceridade de Solanges
Vou pousando meu
Pensamento

E nas palavras de Zélias
Respeito e prezo seu
Argumento

E em casas onde pousam
Sandras e Edicléias,
Joanas e Flávias,
Belas como azaléias

Colorindo as Nadir's,
Verônicas e Catarinas,
Carlas, Jucílias e Tiemis,
Ah, minhas meninas

Guardo que nunca esqueças
Que regarei todas as flores
Que enfeitam os jardins
De minhas lembranças

Patrocínio



www.tudodebomflores.com.br

